

# Abstrações

**Max Reinert**

Então era certo afirmar que ele tinha essa habilidade. Se é que se podia chamar de habilidade. Nem sabia como chamar essa capacidade. Mas, mesmo sem saber como chamar, a verdade é que podia abstrair certas coisas. Fragmentos. Momentos. Partes do corpo.

Quanto estava entediado no trabalho, via o mundo com outros olhos. O discurso do seu chefe sobre as necessidades operacionais dos fragmentos institucionais acabava, invariavelmente, transformando-se em alguma música levemente melancólica. Ou não. Dependia do seu estado de espírito. Ou ainda, quando lhe interessava, podia abstrair as roupas. Podia ver todas as curvas de um corpo. Reentrancias. Cotovelos. Nucas. Polpas. Tudo.

Nas segundas-feiras, quando a humanidade lhe parecia uma grande piada, costumava abstrair-se de tudo o que se parecia com pessoas. No metrô, era gritante a quantidade de roupas que flutuavam, apressadas. Casacos coloridos dos adolescentes esfregavam-se em saias de colegiais, levemente enroladas nas cinturas invisíveis. Ternos nervosinhos folheavam jornais que depois eram largados sobre os bancos e esmagados por grossas calças de lã poídas. Um par de luvas esqueirava-se por um par de ombreiras fora de moda. Um mosaico de roupas e objetos movia-se. Com vontade própria.

Algumas terças eram de órgãos internos, intestinos e tripas. Uma visão meio incômoda. Bom... dependia-se do menú. Se bem que, perto do final da tarde, quase sempre a visão era mesma: aparelho digestivo pulsando. Sucos gástricos maltratando a parede do estômago. Músculos tesos. Irritação evidente.

Nos dias em que estava feliz, eram só sorrisos. Nos finais de semana, orgias líquidas. Às vezes, sperma. Quase sempre, cerveja. Jantares de vinho. Noitadas de uísque. Dias seguintes com muita água, sucos, outras cervejas.

Num final de ano, foi ao funeral de um amigo querido. A cerimônia foi cheia de lágrimas. Algumas abundantes, que escorriam com rapidez. Outras eram mais tímidas. Levavam certo tempo acumulando-se em um só ponto para depois lançar-se. Uma única lágrima continha toda a dor de uma perda. Uma lágrima só... que, quando prestou atenção, percebeu ser sua. Uma única lágrima que, aos poucos, foi sendo absorvida pela pele.

Seu único problema era que não conseguia controlar essas abstrações.

Atendendo à alguns clientes perdia-se pela quantidade de listras em suas camisas. Alguns objetos que lhe eram mostrados simplesmente se recusavam a ser vistos. Assim, dava opinião sobre coisas que não via. Algumas vezes não respondia às perguntas feitas... não porque não quisesse, mas simplesmente porque não as tinha ouvido. Recusava-se a permanecer perto de algumas pessoas queridas, visto que elas eram músicas insuportáveis. Tristes demais. Animadas demais. Anos 50 demais.

Seu coração ansiava conhecer Bach. A chanson francesa. Uma mulher de fragrância amadeirada. Um garoto de bolas de gude. Vermelhos vivos. Azuis do céu só encontrados no sul do seu país. Um inventário de elementos dispersos e desconexos. Um caleidoscópio de pele.

Até que um dia, caminhando por uma rua qualquer, encontrou um guarda-chuva vermelho. Perfeito. Um guarda-chuva vermelho que tinha a voz de uma música perfeita. Romântica sem ser piegas. Doce, sem ser enjoativa. Um guarda-chuva com cheiro amadeirado. Com órgãos internos pulsantes e pressão sanguínea adequada. Um cérebro bem irrigado. Fígados e pulmões limpos... sem vícios.

Tudo estava na mais perfeita ordem, mas... onde estava o rosto? Quem era essa pessoa? Como poderia reconhecê-la mais tarde? Aos poucos percebeu que ela se afastava.

Certamente iria para algum lugar que ele não sabia qual era. Pensou em chamá-la, mas não sabia como. Estava tão entretido sentindo-a que não conseguiu decifrar seu nome.

Enfim, ela se foi.

Ele, ficou.

Hoje anda por aí, tentando reconhecer os sinais.

*\*(humildemente inspirado em Posibilidades de La Abstracion de Julio Cortázar)*

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/abstracoes-1>